

CONSTRUÇÃO DE UM OLHAR CRÍTICO EM PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO.

THE CONSTRUCTION OF A CRITICAL VIEW IN SCHOOL AND EDUCATIONAL PSYCHOLOGY: AN INTERNSHIP EXPERIENCE.

¹BENCIK, Maria Cecília de Almeida; ²FERRO, Luigi Enrico Verza; ³GODINHO, Débora Heloísa de Souza; ⁴MARQUEZINE, Cristiane Pereira; ⁵NASCIMENTO, Lais Cristina Gonçalves; ⁶RIBEIRO, Naydia Cristina Costa; ⁷SANTOS, Ana Isabeli; ⁸SANTOS, Gustavo Henrique Lopes; ⁹SILVA, Laura Covolan; ¹⁰ZEFERINO, Larissa Emyli.

^{1a10}Curso de Psicologia - Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos-Unifio/FEMM

RESUMO

A Psicologia insere-se no âmbito Educacional orientada por uma lógica higienista, que ditava sobre os sujeitos não-integrados ao processo de ensino-aprendizagem. O saber psicológico, nesta conjuntura, assumiu a responsabilidade pela função de diagnosticar e “tratar” àqueles tidos enquanto inadaptados. Os desencontros no que tange a ciência psicológica e a instituição escolar tem início a partir das colocações críticas de Maria Helena de Souza Patto, precursora quanto ao processo de uma Psicologia Escolar e Educacional que se repensa enquanto ciência e profissão. A práxis defendida pela autora compromete-se política e eticamente, abdicando de um olhar patologizante e alienado acerca dos fenômenos que emergem no contexto escolar. O presente estudo, neste sentido, é construído a partir de uma experiência de estágio em Psicologia Escolar e Educacional, orientada por um olhar crítico acerca da implicação do saber psicológico no âmbito escolar. Com base em um processo de revisão da literatura, apontamos sobre o contexto de inserção da Psicologia na Educação, elucidando sobre os impasses que marcam a emergência deste olhar crítico acerca desta prática, com o qual dialogamos.

Palavras-chave: Psicologia Escolar; Formação em Psicologia; Estágio em Psicologia Escolar e Educacional.

ABSTRACT

Psychology falls within the Educational scope guided by a hygienist logic, which dictated over subjects not integrated into the teaching-learning process. Psychological knowledge, at this juncture, assumed responsibility for the function of diagnosing and “treating” those considered to be maladapted. The disagreements regarding psychological science and the school institution begin with the critical statements of Maria Helena de Souza Patto, a pioneer in the process of a School and Educational Psychology that is rethought as a science and profession. The praxis defended by the author is politically and ethically committed, giving up a pathologizing and alienated look at the phenomena that emerge in the school context. The present study, in this sense, is built from an internship experience in School and Educational Psychology, guided by a critical look at the implications of psychological knowledge in the school environment. Based on a literature review process, we point out the context of the insertion of Psychology in Education, elucidating the impasses that mark the emergence of this critical look at this practice, with which we dialogue.

Keywords: School Psychology; Training in Psychology; Internship in School and Educational Psychology.

INTRODUÇÃO

Consoante às conceituações da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), concebe-se a interface Psicologia e Educação enquanto âmbito de atuação, no que tange à vertente sobre a qual pretendemos dialogar. A

inserção da ciência psicológica nesta conjuntura se dá a partir dos atravessamentos históricos que se concretizam enquanto demanda no âmbito escolar, este “legitimado enquanto espaço de educação formal” (Menegotto; Fontoura, 2015).

Inicialmente, tem-se que ambas as instituições acessam uma ideologia comum, qual seja a docilização dos corpos. Frente a uma lógica higienista, que se manteve desde os primórdios da Educação no Brasil, vê-se que Psicologia e Escola serviram uma à outra de modo a classificar, segregar e curar os tidos enquanto não aptos ao processo de aprendizagem. A psicologia, nesta conjuntura, dispôs de seus instrumentos e técnicas de modo a atender as demandas escolares (Menegotto; Fontoura, 2015).

Essa inter-relação, a qual tem enquanto questão basilar um olhar disciplinador e excludente, se estendeu por um período considerável, até que se comesçassem a levantar questionamentos acerca do fazer da Psicologia no âmbito escolar. No que se refere a esse movimento, tem-se a figura de Maria Helena de Patto enquanto precursora de tais críticas. O fazer clínico-terapêutico, fundamentado em uma conceituação simplista e linear frente ao fenômeno escolar, então, torna-se objeto de problematizações (Menegotto; Fontoura, 2015).

Concebe-se que neste cenário se constituem os impasses entre Psicologia e Escola. Haja vista a consolidação de um processo de revisão acerca do fazer psicológico neste contexto, tem-se o emergir de aspectos outros relativos aos fenômenos escolares, que estão para além do indivíduo. Desta maneira, a partir de uma abordagem social, a ciência psicológica toma a instituição escola enquanto objeto, visualizando-a enquanto um todo e considerando todos os atores que nela se relacionam. Conforme apontado pelos autores, passa a atuar em uma lógica sistêmica (Menegotto; Fontoura, 2015).

Referindo-se a consolidação desse olhar, então, os autores trazem à tona a questão da constelação escolar. De forma a construir uma analogia, apontam que o fazer psicológico toma enquanto objeto a constelação e não somente as estrelas enquanto unidades, tendo em vista que ambas são relevantes no entendimento dos fenômenos. Neste sentido, vê-se a emergência de uma Psicologia que atua de forma preventiva e considera não somente aspectos únicos, mas as inter-relações que se dão no âmbito escolar. A Psicologia, então, passa a atuar no intersubjetivo, nos subsistemas que estão em constante relação (Menegotto; Fontoura, 2015).

Frente as colocações anteriores, faz-se oportuno salientar o intento a partir do qual o presente escrito é construído. Alicerçados em uma experiência de Estágio no âmbito Educacional, pretendemos explicar acerca do processo de intervenção em múltiplas conjunturas de Ensino, em diálogo com uma perspectiva crítica sobre as concepções teórico-metodológicas que norteiam o fazer psicológico neste contexto.

METODOLOGIA

Considerando o processo de construção deste escrito, concebe-se o delineamento do percurso histórico, o qual integra a inserção da ciência psicológica no âmbito educacional. Frente à revisão da bibliografia relativa à temática, esmiuçamos os encontros e desencontros que se concretizam na interface Psicologia-Educação. Intentamos, neste sentido, salientar a concepção crítica com a qual dialogamos no Estágio Curricular.

Concernindo ao percurso prático, objetivamos, primordialmente, a promoção do desenvolvimento, que deve estar no centro do trabalho do psicólogo no ambiente escolar (Andrada et al., 2019). Para isso, adotamos uma prática que valoriza a importância do diálogo e da reflexão, reconhecendo que nossas ações, enquanto profissionais da Psicologia, têm como objetivo contribuir para a construção de um contexto verdadeiramente coletivo. Utilizamos, neste sentido, múltiplos instrumentos, dentre os quais é possível citar: rodas de conversa, dinâmicas interativas e momentos de reflexão.

Haja vista a premissa que norteia o fazer psicológico nesta conjuntura, tem-se, enquanto objetivo central, atuar com todos os sujeitos que integram o ambiente escolar, considerando-os enquanto um todo. Compreende-se, no entanto, em consonância com as proposições de Andrada *et al.* (2019) que a coletividade não é um dado a priori, pois resulta de um processo histórico. Conforme mencionado pelos autores, para que um grupo possa ser considerado uma coletividade, é necessário o desenvolvimento de uma atividade conjunta, socialmente significativa, que responda tanto às demandas da sociedade quanto aos interesses individuais, superando a dicotomia entre o individual e o coletivo (Andrada *et al.*, 2019).

DESENVOLVIMENTO

OS PRIMÓRDIOS CORRELATOS À PSICOLOGIA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO

A interface Psicologia e Educação constitui-se, primordialmente, em razão de uma lógica normativa e patologizante. A marginalidade, frente aos processos reivindicatórios, provocados pelas minorias raciais, que emergiram no norte americano na década de 1970, passou a compor os interesses do Estado. Nesta conjuntura, apontava-se a ação estatal quanto à “disfunção” marginal (Patto, 2022).

A ciência psicológica, neste sentido, foi utilizada de modo a atuar nas supostas lacunas, de modo a adequar àqueles que, em decorrência de múltiplos fatores, circunscritos às dimensões Inter e intrassubjetiva, não estavam integrados aos valores culturais e sociais dominantes. Conforme elucida Patto (2022, p. 165-166), “o problema foi equacionado “cientificamente”, por uma ciência do social e do humano que encobriu aspectos sócio-políticos da questão com uma densa camada psicologizante”.

No âmbito escolar, concebe-se os desdobramentos dessa concepção. Com o intuito de compreender acerca do fracasso educacional correlato às camadas subalternas, a Psicologia dispôs de seus instrumentos. Patto (2022), colo que:

“Sobretudo no contexto escolar, a realização de pesquisas experimentais, conduzidas em laboratórios, convergiram quase unanimemente para idêntica constatação: os integrantes das “camadas desfavorecidas” são portadores de deficiências perceptivas, motoras, afetivo-emocionais e de linguagem suficientes para explicar seu baixo rendimento nos testes de inteligência e, conseqüentemente, seu fracasso escolar e social (Patto, 2022, p. 167).

Tem-se, desta forma, os pressupostos que norteiam a atuação psicológica no contexto educacional. Tal como apontam Menegotto e Fontoura (2015), a inserção da Psicologia na Escola é mediada por uma forte ideologia de domesticação e docilização dos corpos. Conjecturando um diálogo com as proposições de Patto (2022), faz-se oportuno salientar os corpos marginais enquanto alvos desse projeto, qual seja de conformação.

A CONCEITUAÇÃO DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL À PARTIR DE UMA VISÃO CRÍTICA

Menegotto e Fontoura (2015) dialogam a respeito da amplitude no que se refere ao olhar da Psicologia para os fenômenos escolares. A partir de uma analogia com a ciência astronômica, lançam luz ao conceito de “constelação escolar”. Salientam, neste sentido, a significância de uma práxis que atue nos subsistemas que se inter-relacionam, constantemente, no contexto escolar.

Bock (2003) aponta a imprescindibilidade, no que tange à interface Psicologia e Educação, de rompimento com a ingenuidade acerca da instituição escolar. Nesta conjuntura, segundo a autora, a responsabilidade profissional se estabelece a partir de duas vertentes, ética e política. A questão ética se consolida no compromisso com o outro, enquanto a política se instaura no dever quanto a transformação social (Contini, 2001, *apud* Bock, 2003).

Depreende-se, em conformidade com os apontamentos de Bock (2003), a implicação de uma psicologia crítica no que se refere à construção de um olhar cuidadoso acerca de um sujeito que se constitui enquanto tal no trato social. Além disso, quanto a complexidade dos fenômenos relativos ao contexto educacional, estes que demandam uma perspectiva lucida no que tange à escola enquanto instituição social.

O PROCESSO DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL

A princípio, é importante destacar a conceituação e significância do estágio supervisionado no processo de Ensino. O serviço-escola, segundo Lima (2011) propicia ao discente a consolidação dos pressupostos teóricos no campo prático, logo, se constitui enquanto um espaço de integração. A partir da orientação de um supervisor, o graduando dispõe da possibilidade de capacitar-se, apropriando dos múltiplos contextos em que sua prática se insere.

Em conformidade com a asserção anterior, reiteramos a relevância do processo que estamos construindo. Integrados ao núcleo Psicologia e Processos Educativos: Instituições Escolares e Psicopedagogia, estivemos implicados em contextos diversos de Ensino, de forma a, inicialmente, perceber a demanda desses espaços. Orientados à uma perspectiva contextualizada histórica e socialmente,

construímos, desde o primeiro dia de supervisão, um olhar crítico sobre os fenômenos emergentes no campo da Educação.

Com o intuito de contextualizar, faz-se oportuno descrever, de forma breve, o processo que se constituiu até então. O primeiro contato que estabelecemos com os gestores desses espaços se deu através de uma vídeo chamada pelo *google meet*, na qual as questões primordiais relativas às instituições foram apresentadas. Para além disso, as primeiras elucidações acerca da nossa atuação nesses espaços foram feitas, com o objetivo de situá-los sobre a prática da Psicologia Escolar e Educacional e mediar possíveis equívocos.

Após esse diálogo inicial, então, fomos até as instituições de modo a dar início ao processo *in lócus*. De um modo geral, é possível esclarecer à amplitude relativa as questões que se mostram enquanto demanda nessas instituições. Compor este lugar nos permite facear, de forma concreta, a complexidade dos processos que o atravessam.

Retomando a questão que levantamos acima, reiteramos sobre a ineficácia de um prática clínica na conjuntura em questão. Ainda assim, as concepções psicologizantes e individualistas ainda assolam essa prática. À despeito disso, em diálogo com Viana (2016), destacamos a dificuldade de compreensão quanto ao real fazer da Psicologia Escolar e Educacional, questão que, conforme pontuado por ela:

“Fica evidenciada nas demandas escolares apresentadas aos profissionais pelos educadores, com a centralidade nos alunos e apresentando uma expectativa de intervenção voltada para psicodiagnóstico ou atendimento individualizado, representado em um problema cuja solução acredita-se ser da psicologia” (Viana, 2016, p. 54).

Em nossa prática percebemos claramente essa questão. Inicialmente, demandas relativas à disfunções de ordem emocional e comportamental foram introduzidas. Face a concretude institucional, no entanto, tornou-se claro a implicação da escola enquanto instituição nos aspectos latentes que emergiram nesses espaços.

No que se refere ao processo interventivo, tem-se que utilizamos múltiplos recursos, de forma a acessar as questões relativas aos atores que compõe as instituições de ensino. Neste sentido, faz-se oportuno pontuar a construção de processos de entrevista; de acolhimento; rodas de conversa; oficinas temáticas etc.

O intuito, no que se refere à utilização dos métodos supracitados, foi de explanar temáticas contemporâneas correlatas a questões existenciais dos discentes, compreender as demandas a partir de suas lentes e elucidar algumas temáticas que se colocam enquanto fenômenos no âmbito escolar, tal como o *bullying*.

Em razão de múltiplos fatores, os quais inclui a abertura por parte da instituição, neste primeiro semestre, o processo foi construído, substancialmente, com os alunos. Entretanto, é importante pontuar que, de modo a mediar alguns processos interventivos, o contato com a equipe se mostrou fundamental. Logo, ainda que não exatamente de forma interventiva, nós mantivemos em contato com psicopedagogos, coordenadores e diretores, objetivando uma prática sistêmica.

Em resumo, é possível citar a forma como o espaço escolar ainda é permeado por antigos paradigmas. A questão do aluno problema, amplamente discutida por Patto, ainda se coloca enquanto questão no ambiente escolar e os desdobramentos dessa concepção são perceptíveis no cotidiano dessas instituições. Conforme apontado anteriormente, ainda que os pressupostos que orientam a prática psicológica sejam outros, ainda se espera que a Psicologia diagnostique e conserte àqueles que fogem à regra.

Neste sentido, temos enfrentado desafios significativos ao longo desse processo, incluindo resistências e interferências por parte de alguns indivíduos, os quais, em alguns momentos, acabam por dificultar o andamento de nossas atividades. Observamos que, por vezes, essas interferências parecem ter o intuito de comprometer ou até sabotar o trabalho que buscamos desenvolver. Tais situações exigem de nós adaptabilidade para manter o foco em nossos objetivos e garantir que as intervenções realizadas sejam efetivas e contribuam para o fortalecimento do ambiente.

Ainda que em meio à essas adversidades, no entanto, reafirmamos nosso compromisso com o desenvolvimento psicossocial dos participantes e a promoção de um espaço de escuta e diálogo que favoreça o crescimento e a transformação do grupo como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Intentou-se, a partir das discussões construídas neste escrito, dialogar a respeito da Psicologia Escolar e Educacional, delineando a conjuntura em que a mesma se constitui. Neste sentido, a questão higienista, basilar no que se refere à inserção da Psicologia no âmbito educacional, é esmiuçada. À luz de concepções críticas acerca do fazer psicológico, objetivamos elucidar os pressupostos teórico-metodológicos que orientam nossa prática.

Ainda que de forma concisa, discorreremos acerca do percurso de estágio de modo a explanar o que construímos até então. Conforme pontuado, o intento primário, ao qual estivemos atentos, neste primeiro semestre, foi o de explanar as demandas que haviam sido levantadas inicialmente, em diálogo com a equipe gestora. Para além disso, acessar as questões latentes, que não emergem ao nível do discurso.

Neste primeiro momento, faz-se significativo mencionar Viana (2016), quando esta aponta os desafios que obstaculizam a prática psicológica no contexto da Educação. Conforme colocado pela autora, ainda na contemporaneidade os estigmas acerca de uma Psicologia acrítica assolam à prática dos profissionais neste contexto. Demanda-se, então, o diagnóstico e a cura, ainda que não explicitamente.

Reforçamos, desta forma, o compromisso ético da Psicologia Escolar e Educacional com uma lógica, conforme pontuado por Bock (2003) ética e política. Estar inserido no contexto educacional implica uma lógica sistêmica, a partir da qual é possível conceber não somente o aluno e seu núcleo familiar enquanto responsáveis pelo processo de aprendizagem, mas todos os atores que o compõe.

Atentando-se a essa premissa, por fim, expendemos sobre nossos intentos no segundo semestre. Haja vista que, até o presente momento, desenvolvemos um trabalho voltado, substancialmente, aos discentes, pretendemos atuar junto aos outros atores, quais sejam: funcionários, docentes e gestores. A ideia central é perceber os diferentes fenômenos a partir de múltiplas perspectivas, com o intuito de construir práticas assertivas e eficazes, considerando a escola enquanto todo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADA, P. C.; DUGNANI, L. A.; PETRONI, A. P.; SOUZA, V. L. T. Atuação de Psicólogas(os) na Escola: Enfrentando Desafios na Proposição de Práticas Críticas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, p. 1-16, 2019.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL (ABRAPEE). O Psicólogo Escolar. Recuperado em: 04 jul. 2024. Disponível em: <https://abrapee.wordpress.com/sobre/o-psicologo-escolar/>.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília: 2005.
- BOCK, A. M. B. Psicologia da educação: cumplicidade ideológica. In: **Psicologia Escolar: Teorias Críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M.; FONTOURA, G. P. Escola e psicologia: uma história de encontros e desencontros. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 2, p. 377–386, maio 2015.
- VIANA, M. N. Interfaces entre a psicologia e a educação: reflexões sobre a atuação em psicologia escolar. In: FRANCISCHINI, R.; VIANA, M. N. (Org.). **Psicologia Escolar: Que Fazer é Esse?** Brasília: CFP, 2016.
- PATTO, M. H. S. **A Produção do Fracasso Escolar: Histórias de Submissão e Rebeldia**. 5. ed. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022.
- PATTO, M. H. S. **Psicologia e Ideologia: Uma Introdução Crítica à Psicologia Escolar**. 2. ed. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022.